ALGUNS ASPECTOS DO UNIVERSO DE JOSÉ DE ALENCAR

RUBENS FALCÃO

(Palestra em sessão comemorativa do centenário da morte do escritor, promovida pela Academia Petropolitana de Letras).

Romancista, poeta, teatrólogo, jornalista, polemista, jurisconsulto, parlamentar, tribuno, estadista - Alencar foi tudo isso com grandeza.

Muito pouco, porém, recebeu dos contemporâneos em contrapartida do seu imenso contributo às letras pátrias. Se algum louro recolheu, não foi a ponto de obstar a que duvidasse que a posteridade lhe conservaria o nome. Ungia-lhe essa incerteza, que só aos mais íntimos manifestava. Vítima de despeitos e de ciúmes, sofria com esses agravos, que em vão tentavam desvalidar-lhe os sucessos.

"Vivendo em um país onde, segundo a conhecida queixa de Sales Torres Homem, não se pode ouvir três vezes repetido o mesmo nome sem despique, Alencar, já de si retraído, ainda mais refinou o orgulhoso desdém pela gentalha grosseira e invejosa que o cercava" - escreveu Ronald de Carvalho. Da pena desse brilhante ensaísta, são ainda os conceitos: "Aprendemos com ele a ter estilo, isto é, a considerar o romance uma obra de arte, e não simplesmente como um divertimento, um mero jogo de situações, mais ou menos possíveis, ou um punhado de anedotas picantes. Se não bastassem as suas qualidades de lirista delicado e sutil, Alencar teria ao menos influído, pelo brilho da forma, antes dele descurada, ou melhor, desconhecida em nossa literatura".

Poeta da prosa - chamou-lhe Afrânio Peixoto - e o confirma sobejamente *Iracema*. "Esse poema não é apenas o romance lírico da paixão em terras do Brasil; é o poema épico, que define as nossas origens histórica, étnica, sociologicamente. É um símbolo magnífico, (...) o registro civil de nossa raça o pergaminho do nascimento do povo brasileiro, o poema sem par na literatura nacional". *Iracema* - adverte, a seu turno, Antônio Sales - não se analisa, admira-se, recita-se, eu ia dizer - reza-se".

Ficcionista de cálida inspiração, embevecia-se diante da natureza brasílica, que se desenrolava a seus olhos com toda a pompa e majestade. Tudo era festa para o seu espírito, tudo o enebriava e enternecia. Alma cândida de artista, o Criador depôs em suas mãos o cinzel do estatuário com

que gravaria o monumento que é a sua obra imortal. Pioneiro de brasilidade e o mais nacional dos escritores nacionais - assim é proclamado reagia contra a influência do idioma que herdamos aos nossos antepassados lusos tentando como recorda Antônio Sales, "lançar os fundamentos do dialeto nacional, que seria o português adaptado aos nossos órgãos vocais e às contingências da vida num clima intertropical, onde as coisas têm outros aspectos, outra cor e outro nome". Aos que o censuravam por não se exprimirem em linguagem de portugueses os seus tipos brasileiros, respondia: "Censurem, piquem ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jamais que eu escreva neste meu Brasil cousa que nos mandam em lata". Ele queria a emancipação da língua e da literatura neste lado de cá do Atlântico. Nessa trincheira esteve sozinho, repelindo com bravura e sobranceria os ataques do adversário.

De Portugal foi mandado vir - ao que na época era voz corrente - a fim de combater e difamar o escritor, o mercenário José Feliciano de Castilho, cujo mérito maior era ser irmão do grande poeta cego Castilho (Antônio). A ele associou-se, na ingrata tarefa de demolir o ídolo e sua obra, o cearense Franklin Távora, ausente há muitos anos da terra-berço e morando no Recife.Távora, que, segundo Ronald, não tinha "os predicados de um grande lirista", (...) mas "possuía (...) uma visão ampla e segura dos nossos cenários selvagens", - fez críticas injustas ao *Gaúcho*, nem todas procedentes. Dizia-se que o próprio Imperador, que não tinha nenhuma simpatia pelo seu ministro da Justiça e, como é notório, lhe invejava o talento, colaborava na triste empresa com pseudônimo em artigos que fazia publicar. Sem nunca esmorecer, mas desafiando os golpes que lhe eram atirados, o pai da loura e gentl Ceci, como lhe chama. Cavalcanti Proença, descobria dentro de si forças bastantes para enfrentar os inimigos e destroçá-los, por fim. Franklin Távora não demorou a confessar-se arrependido, como também o fizera Joaquim Nabuco, que nos arroubos da sua juventude investira contra o teatro alencarino. É que o artista era grande demais para ser derrubado do seu pedestal...

Nos idos de 1874 chegavam à vila do Crato, procedentes de Pernambuco, o negociante português José Gonçalves dos Santos e sua mulher, D. Bárbara Pereira de Alencar. No mesmo anos viria ao mundo o primogênito do casal - José Martiniano Pereira de Alencar - "que chegaria a senador do Império, presidente da Província e, ainda mais importante, seria avô de Peri". Com a idade de 32 anos, Clérigo de Ordens Sacras, enamora-se da prima em primeiro grau, D. Ana Josefina, e com ela constrói o seu "ninho de amor" no sítio Alagadiço Novo, em Mecejana, antiga aldeia de índios,a 12 quilômetros de Fortaleza. Habitava o pequeno burgo uma gente pacata, supersticiosa e temente a Deus, que aos domingos se reunia na igrejinha local quando o sino da torre chamava para a missa. O celebrante era o jovem

diácono José Martiniano, que estudara retórica no Seminário de Olinda e, com a proclamação da República no Recife, em 1817, entrou a se envolver, com adesão da própria mãe, irmãos e amigos, no movimento que os levou à prisão. D. Bárbara é encarcerada, seus bens sequestrados e, só depois de quatro anos de angústias e sofrimentos, declarada nula a devassa, são libertados os revoltosos. O que foi o drama desses patriotas, que sofreram torturas incríveis, é uma das páginas de verdadeiro heroísmo da História do Brasil, tão cheia de imposturas, falsidades e deformações...

A 1º de março de 1829 nasce José de Alencar. Essa data, que consta da sua certidão de nascimento e está gravada no monumento que lhe ergueram em Fortaleza os conterrâneos, anda por aí alterada para 1º de maio. O próprio Barão de Studart,--"o Alexandre Herculano do norte do Brasil" - na frase do historiador Vieira Fazenda, sempre tão rigoroso e seguro nas suas pesquisas e informações, incide no mesmo engano em seu notável *Dicionário - Bio-bibliográfico Cearense,* de 1910.

Em Mecejana permaneceu o futuro escritor até os 9 anos. Era um menino franzino, o que menos vulto fazia entre os companheiros de lazeres e brincos infantis. Mas, bem cedo revelaria uma inteligência agudíssima, uma sensível capacidade de liderança. Destacava-se do grupo por essas qualidades eminentes, que inúmeros dissabores haveriam de lhe proporcionar na idade adulta. Era quem organizava os torneio que atraíam para junto de si os pequenos da redondeza; com eles iria banhar-se, vezes sem conta, nas tépidas águas da lagoa que acariciaram a pele morena da filha de Araken.

Nos joelhos maternos recebeu as primeiras lições. Surpreendia a facilidade com que as dominava; queria ir para frente, o que viria a constituir o seu supremo anelo na carreira que o consagraria. Insaciável a sua curiosidade. Com os grandes olhos desde cedo abertos para o mundo, estava escrito que ele haveria de ser o maior dos nossos romancistas, o mais lido e o mais querido ainda hoje. A sua obra tem a durabilidade do bronze. "Pode-se dizer" - depõe com a sua imensa autoridade Sílvio Romero - "que não ficou recanto do nosso viver histórico-social em que ele não tivesse lançado um raio de seu espírito".

Em fins de 1837 decide-se o pai a viajar para a Corte com a família. O Rio de Janeiro já era, naqueles tempos, a Meca dos nordestinos... O que foi essa jornada, plena de incomodidades e perigos e toda feita por terra até à Bahia, terá sido para o nosso biografado um acontecimento extraordinário e cheio de surpresas. Sagaz e observador, atento a tudo que o rodeava, trouxe para a sua obra as emoções que dessa aventura se fixaram no seu espírito. "Infância é cera;" - nota Araripe Júnior - "e, se esta se consolida sem alterações profundas, as impressões então recebidas tornam-se indeléveis".

No Rio, instala-se com a família na Rua do Conde, atual Visconde do Rio Branco nº 55. O menino, em idade escolar, é matriculado no Colégio de

Instrução Elementar do professor Januário Mateus Ferreira, situado na Rua do Lavradio. "De fraque e boné" - lembra em *Como e porque sou romancista* - "com os livros sobraçados, eu esperava ali, na calçada fronteira, o toque da sineta que anunciava a abertura das aulas". Distinguido pelo professor, que nele parecia adivinhar o futuro homem de letras, impunha-se pela disciplina, assiduidade e aplicação. Cabeça de turma, assim conservar-se-ia por todo o período letivo.

Do velho mestre deixou-nos este perfil: "Januário era talvez ríspido e severo em demasia; porém nenhum professor o excedeu no zelo e entusiasmo com que desempenhava o seu árduo ministério. Identificava-se com o discípulo; transmitia-lhe as suas emoções e tinha o dom de criar no coração infantil os mais nobres estímulos, educando o espírito com a emulação escolástica para os grandes certames da inteligência".

No interior da casa da Rua do Conde conspirava-se em favor da maioridade de D. Pedro. A portas fechadas, promoviam-se as reuniões com a presença do pai, senador do império. Embora não lhe consentisse a idade alcançar os objetivos dos conspiradores, a sua inquebrantável curiosidade levava-o a inquirir de D. Ana Josefina, sua mãe, o que pretendia aquela gente. "Até que chegava a hora do chocolate. Vendo partir carregada de tantas guloseimas a bandeja que voltava completamente destroçada", - recorda muitos anos depois - "eu, que tinha os convidados na conta de cidadãos respeitáveis, preocupados dos mais graves assuntos, indignava-me ante aquela devastação, e dizia com a mais profunda convicção. - o que estes homens vêm fazer aqui é regalarem-se de chocolate". Às vezes, já tonto de sono, era chamado a ler romances e novelas. Isto acontecia nas noites em que não havia as tais reuniões, as mulheres a bordar e tricotar à frouxa luz de um lampião. "Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem ou acompanhava com os seus votos e simpatias o herói perseguido" - discorre em suas Memórias. Mais tarde perguntaria: "Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária, que é entre todas a de minha predileção? Não me animo a resolver esta questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões".

Aos 14 anos vai Alencar estudar preparatórios em S. Paulo, a fim de se habilitar ao curso jurídico da velha Faculdade do Largo de São Francisco. Segue aos cuidados de um parente. Já se lhe despertara a vocação para as letras, a qual o levara a esboçar os primeiros capítulos de um romance em que seriam retratadas cenas de um movimento sedicioso nos sertões de Pernambuco. Mas "esse primeiro rascunho" - informa - "foi-se com os

folguedos da infância que o viram nascer. Das minhas primícias literárias nada conservo; lancei-as ao vento, como palhiço que eram da primeira copa''. Joaquim Manuel de Macedo, o Macedinho, era naqueles idos o mais popular dos nossos romancistas. *A Moreninha* fazia sucesso e abriu caminho à admiração de Alencar pelo ilustre filho de Itaboraí. Porém, quando quis tomar contato com a literatura francesa, tropeçou diante do seu pouco preparo no idioma de Chateaubriand e Hugo. Essa deficiência de sua educação secundária só veio a superá-la, como confessou, após a conclusão do curso de Direito, ao sentir-se ''na necessidade de criar uma individualidade literária''. Balzac, sobretudo Balzac, que lia com avidez, Alexandre Dumas, Alfredo de Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo foram os seus primeiros mestres. Mergulhava na leitura de suas obras, que preferia às noitadas alegres, tão do gosto da mocidade estudantil. Também não sentia atração pelo que hoje se denomina *Café-Society,* e era muito sem jeito que acontecia aparecer em salão de baile. Alencar, por temperamento e formação, nunca seria boêmio, como o foram Varela, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Era freqüente à livraria de Francisco Otaviano, que herdara do pai ''uma escolhida coleção de obras dos melhores escritores da literatura moderna, a qual o jovem poeta não se descuidava de enriquecer com as últimas publicações''.

O ano de 1848 é o grande marco da sua presença nas letras. ''Acabava de passar dois meses em minha terra natal'' - diz ele. ''Tinha-me repassado das primeiras e tão freqüentes recordações da infância, ali, nos mesmos sítios queridos onde nascera. Em Olinda, onde estudava o meu terceiro ano, e na velha biblioteca do convento de S. Bento, a ler cronistas da era colonial, desenhavam-se a cada instante na tela das reminiscências as paisagens do meu pátrio Ceará. Eram agora os seus tabuleiros gentis; logo após as várzeas amenas e graciosas; e, por fim, as matas seculares que vestiam as serras como a araroba verde do guerreiro tabajara''. De Olinda, onde começou a sentir os primeiros sinais da doença que tão cedo o levaria desta vida, transporta-se para a Corte e, daí, novamente a S. Paulo, onde em 1850, conclui o seu bacharelato, esse malsinado bacharelato que - comenta Eça de Queiróz - ''nos países latinos se tornou um complemento do batismo...'' ''Estava, pois, credenciado a exercer a profissão e vem praticá-la no Rio, no escritório do advogado Caetano Alberto Soares, que era o decano da sua classe no foro da Corte. Já há muito deixara a casa da Rua do Conde, indo habitar em São Cristovão a chácara da Rua do Maruí, 7-A, nova residência do senador José Martiniano. Mas era o jornalismo, não a advocacia que o tentava em verdade. ''Ser chefe de uma imprensa, dirigi-la a seu sabor, exercitar as suas faculdades em todos os gêneros possíveis, comover as massas com artigos artisticamente manejados, eis um sonho que constantemente o embevecia, cheio de horizontes largos e esplendentes'' - nota Araripe Júnior, no capítulo sobre Alencar da sua opulenta obra crítica.

"Tempo virá" - fala o romancista - "em que do obscuro gabinete do escritor a pena governará o mundo, pois haverá liberdade, a liberdade de imprensa, que há de existir sempre, porque é a liberdade do pensamento e da consciência, sem a qual o homem não existe; porque é o direito de queixa e de defesa, que não se pode recusar a ninguém..."

Após 4 anos de labuta forense, ei-lo à frente do *Diário do Rio de Janeiro*. Para esse jornal produz os folhetins que integram *Cinco Minutos* e *Viuvinha*. Publica, sem assinatura, o primeiro folhetim do *Guarani, em* 1857. Considerada a sua maior obra, o romance é composto dia por dia. "Meu tempo" - ouçamo-lo - "dividia-se desta forma: acordava, por assim dizer, na mesa de trabalho, e escrevia o resto do capítulo começado no dia antecedente para enviá-lo à tipografia. Depois do almoço entrava por novo capítulo, que deixava em meio. Saía então para fazer exercício antes do jantar no Hotel Europa. À tarde, até nove ou dez horas da noite, passava no escritório da Redação, onde escrevia o artigo editorial e o mais que era preciso. O resto do serão era repousar o espírito dessa árdua tarefa jornaleira, em alguma distração, como o teatro e as sociedades". E a seguir: "Nossa casa no Largo do Rocio nº 73 estava em reparos. Trabalhava em um quarto do segundo andar, ao estrépido do martelo, sobre uma banquinha de cedro que apenas chegava para o mister da escrita e onde a minha velha caseira Ângela servia o parco almoço. Não tinha comigo um livro e socorria-me unicamente dum canhenho em que havia em notas o fruto de meus estudos sobre a natureza e os indígenas do Brasil".

Aos críticos afoitos, que o acusavam de imitação de Cooper e Chateaubriand na elaboração desse grande livro, contrapunha sem azedume: ..."o mestre que eu tive foi essa esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência e foram o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria. Daí, desse livro secular e imenso é que eu tirei as páginas do *Guarani*, as de *Iracema* e outras muitas que uma vida não bastaria a escrever. Daí, e não das obras de Chateaubriand e menos das de Cooper, que não eram senão a cópia do original sublime que eu havia lido com o coração".

O êxito do *Guarani* foi surpreendente. O jornal, à proporção que estampava os seus primeiros capítulos, era aguardado com ansiedade; não chegava para os leitores que, numerosos, o disputavam entre si. A paisagem do memorável Paquequer, - e creio não existe entre vós quem a não tenha admirado na sublime descrição de Alencar -, suscitou-lhe as imagens mais belas e anestesiantes, repassadas de terno encanto e magia. Que inspiração a desse fabuloso indianista, quanta musicalidade no seu estilo fluente, claro, harmonioso...

Mas... ao lado da glória, momentos de funda mágoa e tristeza lhe

reservaria o destino, ao qual estão sujeitas todas as coisas deste mundo. No dia 15 de março de 1860, aos 62 anos, já afastado das lides políticas, falece José Martiniano, cujo caráter rijo e forte era uma das suas mais ferventes admirações. ... "ainda não perdi a esperança de escrever esse nome da minha veneração no frontispício de um livro que lhe sirva de monumento" - disse em suas Memórias.

É que o velho senador era o seu maior enlevo...

O ano de 1862 assinala o surgimento de mais um dos seus romances: *Lucíola*, um perfil de mulher. A publicação fê-la a suas expensas e o *Correio Mercantil*, onde trabalhara e ao qual dera tanto da sua incansável energia, foi lacônico ao registrar-lhe o aparecimento: "Veio à luz um livro intitulado *Lúciola*". Referindo-se ao fato, atribuiu-o o romancista a uma "nova conspiração do despeito que veio substituir a antiga conspiração do silêncio e da indiferença". Agripino Grieco - aponta M. Cavalcanti Proença no seu ensaio crítico-biográfico de Alencar - "assegura a autenticidade do modelo e a causa da má vontade contra o livro". Aduz o cintilante autor de *Poetas e Prosadores do Brasil:* "O advogado Lafayette, talvez irritado porque o romancista Alencar advogava, classificou *Lucíola* de "monstrengo moral". Igualmente enxergavam nessa heroína uma *Dama das Camélias* que desembarcasse no Rio com uma vasta bagagem de chapéus e vestidos e se naturalizasse brasileira. Entretanto, *Lúciola* existiu e existiu como Alencar a descreveu. O real foi aí mais inventivo que o escritor. Conheci um setuagenário que, com um arrepio de pudor, me sussurrou na concha do ouvido o verdadeiro nome de nossa Margarida Gauthier, em cujas carícias também ele, adolescente, se recreara".

Correspondendo a um apelo de Quintino Bocaiúva, de quem era amigo, Alencar escreve as *Minas de Prata*, que o ocupou durante três meses. *Diva* seguir-se-ia a esse romance, "o primeiro que recebeu hospedagem da imprensa diária e foi acolhido com os cumprimentos banais da cortesia jornalística".

Homem de saúde periclitante, agravada pelos excessos de trabalho; inflexível cumpridor do dever; com uma consciência de responsabilidade que o distinguia entre os da sua geração de escritores, acabou tendo de se ausentar do burburinho da cidade que crescia a seus olhos e procurar refazer-se fora dela. Elegeu para isso as encostas da Tijuca. Nos seus passeios matinais, depara com um antigo morador da região, o médico homeopata Dr. Thomas Cockrane, primo de Lorde Cockrane, que serviu em nossa Marinha de Guerra. Convida o Dr. Cockrane ao escritor para "conhecer-lhe o sítio e a família. A qualquer homem pode acontecer o mesmo: casar com a filha do amigo, ser feliz ou infeliz, que ninguém tentará entender por quê. (...) No caso, a moça era loura, jovem, escrevia versos

que não publicava, por pudor mais feminino do que literário. De ascendência inglesa, senhoril singela'' - narra Cavalcanti Proença. Chama-se Georgina Augusta e é a filha mais velha do casal. Está na flor da idade - 18 anos - e dela apaixona-se o romancista de 35. Como diz o poeta, ver e amar foi um só momento... ''Deixei a existência descuidosa e solteira para entrar na vida de família, onde o homem se completa'' - falaria mais tarde. E casa-se, a 20 de junho de 1864, numa cerimônia como a noiva e ele desejavam - simples, com a presença apenas dos familiares da moça e de alguns poucos convidados. Desse casamento houve filhos e, dentre eles, Mário de Alencar, que seria poeta, ensaísta e novelista ''de sensibilidade delicada em forma clássica''.

Os ares da floresta da Tijuca, a paz e o sossego do lar são benéficos à sua saúde. Com o espírito desafogado, viaja ao Ceará em campanha política: aspirava à deputação federal. Observa Araripe que ''o clima das vargens de Mecejana produziu-lhe no ânimo um abalo singular. E assim foi bom, porque o espírito do autor de páginas tão genuinamente cearenses andava erradio e perdido da sua verdadeira orientação. A viagem ao Ceará serviu-lhe para isto. Satisfez-lhe a vaidade e reconciliou-se com os sonhos arábicos, de que há tanto revoara''. E traz de regresso ao Rio, com o diploma de deputado, o manuscrito de *Iracema*, que é saudado por Machado de Assis com festiva alegria. Em *A Semana Literária,* assim expressou-se o mago de *Braz Cubas*: ''Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança ao futuro''.
Concluía contra a indiferença quase hostil dos críticos da terra: ''O Brasil tem o direito de pedir-lhe que *Iracema* não seja o ponto final. Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra prima''.

No mesmo ano em que publica *Iracema,* (1865), aparecem as *Cartas de Erasmo*, dirigidas ao Imperador, as quais repercutiram como um petardo na pasmaceira dos arraiais situacionistas.

Tristão de Ataíde, na fertilidade dos seus 84 anos de uma existência utilíssima, disse que José de Alencar, ''desde as *Cartas de Erasmo* foi um combatente terrivelmente agressivo, contra os costumes políticos e sociais, seus contemporâneos e as instituições imperiais vigentes. Um abridor de horizontes e um contestatário. No próprio ano de sua morte, lançou uma última publicação panfletária, da qual ainda saíram seis ou sete números, a que deu o nome simbólico de *O Protesto*''. Com esta revelação, contradiz o eminente acadêmico e professor aqueles que nos mostram Alencar como um tímido, um alambicado, quando a verdade é que ele triunfou em todas essas situações. O escritor Raimundo de Menezes, que lhe pesquisou exaustivamente a vida e a obra, dele nos dando uma das mais completas biografias,

informa que as *Cartas* "esparramaram-se pela cidade e pelo país a fora. Não há quem não as leia com o maior interesse. São decalcadas no modelo do *Libelo do Povo*, de Torres Homem (o Timandro), em 1849". Em uma delas escreveu Alencar: "Dizia o grande Pitt: se não tivéssemos uma oposição, seria necessário inventá-la".

A custo escaparia às seduções da política o neto de D. Bárbara. "O único homem novo e quase estranho que nasceu em mim com a virilidade, foi o político. Ou não tinha vocação para essa carreira, ou considerava o governo do estado cousa tão importante e grave, que não me animei nunca a ingerir-me nesses negócios. Entretanto, eu saía de uma família para quem a política era uma religião, e onde se haviam elaborado grandes acontecimentos de nossa História."

Alistando-se nas hostes do Partido Conservador, elege-se deputado. A sua estréia na tribuna parlamentar não foi, porém, o que se esperava: uma estranha inibição se apossara daquela poderosa individualidade. Téofilo Otôni resmungava: "Nem de longe lembra o pai; deve voltar aos seus folhetins e romancetes". Seu contemporâneo e companheiro de legislatura, eis como o vê o Visconde de Taunay: "Dado a hábitos de concentração e fugindo ao que ele chamava *populacidade*, de estatura pouco elevada e sem característica ou qualidade física que o impusessem à atenção pública, com um todo, pelo contrário, repassado de timidez, que jamais pôde totalmente perder, de compleição franzina, barbado demais para as feições miúdas e delicadas, dispondo de órgão pouco extenso e sujeito a velar-se de repente pela fraqueza de laringe e debilidade dos pulmões, sem gesticulação larga, antes constrangida e inexpressiva, não parecia destinado a desempenhar papel subido e influente no mundo político pela oratória. (...) Apesar, porém, de todas as condições negativas, e superando os óbices oriundos da própria natureza, (...) além do nobilitante empenho de não se deixar sobrelevar por ninguém na conquista da notoriedade e da glória, (...) em pouco tempo se constituiu José de Alencar um dos oradores da Câmara ouvidos com mais respeito e sofreguidão.

Daí em diante passou a enfrentar gigantes da tribuna como Gaspar Martins, Zacarias, Silveira Lobo... A Zacarias, que certa feita lhe chamara *fanadinho*, em clara alusão à sua pequena estatura, deu-lhe pronta resposta: ..."sei que alguns homens altos - aqui não há certamente desses - costumam curvar-se para poderem passar por certas portas; mas os homens baixos têm esta vantagem, nunca se curvam. Quando passam pela portas baixas ou pelas portas altas, como esta do Senado, trazem a cabeça erguida".

Uma grande e alegre surpresa estava-lhe, porém, reservada a 17 de janeiro de 1868. Na manhã desse dia, recebe em seu retiro da Tijuca uma visita inesquecível: era Castro Alves que, havendo tomado na Bahia o vapor

francês *Picardie*, desembarca no Rio uma semana depois, trazendo em sua companhia Eugênia Câmara e uma filha da atriz. Procura imediatamente o escritor-artista com uma carta do tribuno e deputado baiano Fernandes da Cunha e lê para ele o seu poema *Gonzaga*. Deslumbrado com o talento e a inspiração do poeta de 20 anos, Alencar chama para ouvi-lo a sua mulher. Muitos anos após, - conta Raimundo de Menezes - D. Georgina falava dele comovidamente a Afrânio Peixoto. "Lembrava-se, nos mínimos detalhes, da cadeira onde se sentara, das palavras que dissera, do modo como falara. E acrescentava que fora a visita do poeta a maior impressão que lhe restara da vida literária do marido. Compreendeu logo que estava diante de alguém muito poderoso. E ficou muito feliz quando viu que Alencar tivera a mesma impressão".

Com as palavras entusiásticas, o artífice das *Minas de Prata* encaminha o jovem aedo ao cinzelador de *Dom Casmurro*. Da missiva de Alencar não resisto ao gosto de citar estes períodos: ..."o sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do dr. Fernandes da Cunha, um dos pontífices da tribuna brasileira. Digo pontífice, porque nos caracteres dessa têmpera o talento é uma religião, a palavra um sacerdócio. Que júbilo para mim! Receber Cícero que vinha apresentar Horácio, a eloqüência conduzindo pela mão a poesia, uma glória esplêndida mostrando no horizonte da pátria a irradiação de uma límpida aurora !

Mas também quanto, nesse instante, deplorei minha pobreza, que não permitia dar a tão caros hóspedes régio agasalho. Carecia de ser Hugo ou Lamartine, os poetas-oradores, para preparar esse banquete da inteligência. (...) *Gonzaga* é o título do drama que lemos em breves horas. O assunto, colhido na tentativa revolucionária de Minas, grande manancial da poesia histórica ainda tão pouco explorado, foi enriquecido pelo autor com episódios de vivo interesse. O sr. Castro Alves é um discípulo de Victor Hugo na arquitetura do drama, como no colorido da idéia. O poema pertence à mesma escola do ideal; o estilo tem os mesmos toques brilhantes. Imitar Victor Hugo só é dado às inteligências de primor. O Ticiano da literatura possui uma palheta que em mão do colorista medíocre mal produz borrões. (...) Há no drama *Gonzaga* exuberância de poesia. Mas deste defeito a culpa não foi do escritor; foi da idade. Que poeta aos vinte anos não tem essa prodigalidade soberba de sua imaginação, que se derrama sobre a natureza e a inunda? A mocidade é uma sublime impaciência. Diante dela a vida se dilata, e parece-lhe que não tem para vivê-la mais que um instante. Põe os lábios na taça da vida, cheia a transbordar de amor, de poesia, de glória, e quisera estancá-la de um sorvo. (...) Depois da leitura do seu drama, o sr Castro Alves recitou-me algumas poesias. *A Cachoeira de Paulo Afonso*, *As Duas Ilhas* e *A Visão dos Mortos* não cedem às excelências da língua portuguesa neste gênero. Ouça-as o senhor, que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave e opulenta. (...) Ao senhor,

pois, o primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária que se revelou com tanto vigor. Seja o Virgílio do jovem Dante, conduza-o pelo ínvios caminhos por onde se vai à decepção, à indiferença e finalmente à glória, que são os três círculos máximos da *divina comédia* do talento''.

A Alencar responde Machado de Assis em termos também calorosos, dos quais destaco: ''É uma boa e grande fortuna conhecer um poeta; maior e melhor fortuna é recebê-lo das mãos de V. Exª. , com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do sr. Castro Alves não podia ter mais feliz intróito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtém o aplauso de um mestre. Mas se isto me entusiasma, outra coisa há que me comove e confunde, é a extrema confiança, que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão fora dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Exª. mais do que uma animação generosa''.

Segundo Xavier Marques, ainda por vários dias monopolizou o poeta a atenção do público carioca, ocupando-se dos seus versos aqueles que, na opinião do autor de *Janna* e *Joel,* ''formavam a guarda avançada das letras''.

Aceitando, não sem relutância, o convite para ocupar o Ministério da Justiça, Alencar toma posse a 16 de julho do referido ano de 1868. Não foi, porém, um mar de rosas a sua presença à frente daquele Ministério. A sua superioridade intelectual era evidente. Destacava-se pela aristocracia do talento e sabeis, Senhoras e Senhores, que o talento é coisa que dificilmente se suporta... Mal podiam disfarçar a sua inveja senil aqueles cujas almas, curtidas na intriga, haviam de preferir vê-lo longe da sua convivência. E se demite para concorrer a uma cadeira na câmara vitalícia. Uma justa aspiração de quem muito estremecia a sua pátria, que era a sua eterna namorada... Havia três vagas. Três eram os candidatos. Dos três era ele o mais moço e foi nas eleições o mais votado. Entretanto, ''venceram certas suscetibilidades imperiais feridas (...) e os seus desafetos souberam habilmente avolumá-las para que produzissem o desejado efeito'' - são palavras de Araripe Júnior. Atentai para o que diz ainda o ilustre publicista: ''O imperador antipatizava naturalmente com a altivez do ministro que desde logo o incomodou com os seus arroubos de moço e de literato *mal acostumado.* (...) Saindo do poder com o coração ulcerado, sentindo-se vencido, todo o seu despeito cresceu contra o árbitro e diretor de nossas traças políticas. Nisto, ele tinha toda a razão, porque todo o mal que lhe haviam feito os colegas não fora sem aquiescência do monarca, a cujos olhos os homens que governavam este país estavam acostumados a ler o sim e o não irresponsáveis''. Fora do Ministério, pôde dizer José de Alencar àqueles corações enegrecidos, num desafio que é uma lição de austeridade, decência e moralidade aos nossos homens públicos: ''Fui ministro da Justiça, estive 18 meses nos Conselhos da Coroa e sem o menor resquício de ressentimento

para com os meus adversários recordarei à Câmara a oposição violenta de que fui objeto. Talvez, pelo menos nestes últimos tempos, não haja exemplo de ministro mais agredido, mais chocado em seu amor próprio, mais atacado em sua dignidade do que fui. Pois bem, eu tinha a verba secreta à minha disposição, verba de que não dispunham o nobre ministro da Fazenda, nem o nobre ministro do Império; verba de cujo emprego não devia contas senão à minha consciência e a Deus. E, contudo, jamais desviei um real desta verba para minha defesa pessoal, jamais desafrontei o meu amor próprio às custas do povo que paga os impostos''.

Desiludido e enojado, é o calor da família que volve a encontrar a paz para o seu espírito e o estímulo para prosseguir nas suas criações. A sua glória exacerbava a sanha dos adversários; a sua morte prematura foi um desafogo para os que repugnavam a verdade, os freqüentadores do ''beija-mão'' de São Cristóvão e o próprio Imperador que, ao ser dela ciente, teria declarado: ''Era um homenzinho muito mal educado...''

Com os seus males agravados, volta ao Ceará em começos de junho de 1873. Conhece Capistrano de Abreu e com ele firma uma amizade que duraria por toda a vida.

Um dos aspectos do universo de José de Alencar, aliás pouco explorado, diz respeito ao folclorista. Para o eminente Câmara Cascudo, ele é ''um dos informadores máximos do nosso populário; para Afrânio Peixoto, ''o primeiro dos nossos escritores a quem interessou a tradição popular''. Nos romances *Alma de Lázaro, O Garatuja, O Sertanejo, Til, O Tronco do Ipê, Guerra dos Mascates, O Gaúcho*, registrou - assinala o mestre potiguar - ''a normalidade da vida brasileira, de norte a sul, mitos, lendas, cantigas, lutas, festas religiosas e políticas, tradições, costumes locais''.

Numa das suas cartas dirigidas ao abolicionista Joaquim Serra, em 1874, reunidas com o título - *O Nosso Cancioneiro* - escreveu: ''Em minha infância, passada nas cercanias da lagoa de Mecejana, tão nomeada agora pela salubridade dos seus ares e virtudes de suas águas, quase todas as noites, durante os invernos, ouvia eu ao nosso vaqueiro o rimance ou poemeto do *Boi Espácio*. Naquela idade feliz, mais dada aos risos e folgares do que às ternuras, muitas vezes umedeceram-me os olhos lágrimas de tristeza incutida pela toada merencórea e sentida da rude cantiga. (...) Durante minha residência no Ceará, trabalhei para obter uma cópia de todos os rimances e poemas populares, com especialidade deste. Além de prender-se ele a recordações de infância que o identificavam de algum modo com o meu passado, acresce que pela vaga reminiscência do seu entrecho eu o suponho não só a mais antiga, como também a mais curiosa e interessante das rapsódias sertanejas''. Sílvio Júlio, cuja cultura literária faz honra à nossa inteligência, fala em *Fundamentos da Poesia Brasileira* num tipo de cantiga das estâncias do interior do Rio Grande do Sul - o Boi Barroso. Nesse

trabalho, de "um bom gosto exemplar", como disse o saudoso Povina Cavalcanti, inclui o pesquisador um capítulo sobre o ciclo heróico dos vaqueiros.

Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores:

Creio já é tempo de encerrar esta minha arenga. Alencar é infinito, inesgotável, e nenhum escritor brasileiro no seu tempo produziu tanto. E, se atentarmos para o fato de nunca haver desfrutado de boa saúde, que reclamava cuidados constantes, concluiremos que só uma grande força interior seria capaz de sustentá-lo, conduzindo-o à imortalidade.

Quando, em começos de maio de 1876, embarca para a Europa com a família, já estava bem próximo do fim. De regresso, recebe as primeiras notícias da seca do Ceará, o que o leva a interpelar, na Câmara, o ministro do Império sobre as providências em favor das vítimas do flagelo. Essas notícias, surpreendendo-o com o organismo minado pela doença, aumentam-lhe as preocupações e os padecimentos. Mas nem assim o poupam seus adversários, que o acusam de desinteresse pela sorte dos seus conterrâneos. Era demais para ele. Era tripudiar sobre a sua dor. (Ainda hoje, os espíritos dos seus adversários, reencarnados em alguns dos nossos escritores, continuam a atormentá-lo com a pecha de escravista...). Às dez horas da manhã do dia 12 de dezembro de 1877, aos 48 anos de idade, em sua casa da Rua Guanabara nº 50, nas Laranjeiras, encerra o ciclo de sua existência terrena, consagrada com pequenos hiatos ao culto da Beleza e da Forma. Sobrevive-lhe a esposa, que veio a falecer no Rio de Janeiro, a 17 de março de 1913. Durante os anos de casados, construíram Alencar e D. Georgina um lar ditoso, enriquecido com os filhos que nasciam.

Estamos no ano do centenário da morte do escritor que "ergueu a flâmula de nossa libertação cultural". De Fortaleza, recebo notícias de que o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Conselho de Cultura do Estado, o Conselho de Curadores da U.F.C. e a casa de Juvenal Galeno, que reune a melhor intelectualidade da terra, promovem solenidades alusivas com a adesão de todas as classes e do sentimento popular. Organizam-se romarias à casa onde ele nasceu, relicário que os cearenses conservam com devoção e respeito.

Entendeu V. Exª. , Senhor Presidente Alcindo Roberto Gomes, devesse caber a mim recordar neste sodalício a figura do grande brasileiro em alguns dos seus aspectos mais salientes. Sem dúvida terá influído no ânimo de V. Exª. a circunstância de ser eu originário da mesma gleba que viu nascer Alencar. Porque outra razão não vislumbro para a honra imerecida. Mas, de qualquer forma, agradeço este gesto de cortesia e generosidade, tão característico da nobre gente fluminense.

Desculpai-me o tempo que vos tomei, certo de que vos não trouxe nenhuma novidade. Vou terminar citando de Machado de Assis o final do discurso que proferiu na cerimônia de inauguração da estátua do romancista na praça que tem o seu nome no Rio de Janeiro:

. . . . . .

"... Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: "A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra". Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra".